

## AS NUANÇAS LITERÁRIAS E FEMININAS DA PRODUÇÃO POLÍTICO-FILOSÓFICA DA OBRA DE HANNAH ARENDT - A JUDIA APÁTRIDA

Rozimar Gomes da Silva Ferreira (CES-JF, EVATA)

### RESUMO

Inúmeros estudos se dividem entre a grande polêmica advinda da vasta produção escrita de Hannah Arendt, tratando-a na perspectiva ora da Ciência política, ora da Filosofia, sendo que a própria Hannah refuta esta última. Entretanto, a literariedade e os diálogos que emanam dos textos são de uma particularidade universalista que só à genuína literatura compete expressar. Neste estudo, trabalharemos o olhar feminino da autora em **A condição humana**, evidenciando, entre as marcas literárias, a intertextualidade que assegura o caráter universalista do texto, passando pela Bíblia, pelos filósofos e pela política, buscando elucidar a sua leitura do Holocausto que descreve. O dialogismo é, sem dúvida, a teoria que, elucidada, demonstra a literariedade da obra.

Palavras-chave - Dialogismo, intertextualidade, literariedade.

### 1. INTRODUÇÃO

Iniciar uma comunicação em um Seminário Internacional que reúne as mais variadas temáticas, autores e obras literárias envolvendo a mulher, com o propósito de inserir mais um respeitável nome das Ciências Políticas ou da Filosofia na Literatura, pode parecer uma grande ousadia. Entretanto, o propósito de inserção da obra de Hannah Arendt no contexto literário não é essencialmente pioneiro. Em 2006, Anderson Azevedo Ferigate buscou defender com propriedade, em um interessante artigo, intitulado **Uma percepção estético-dramática da política em Hannah Arendt**, partindo do pensamento crítico de Arendt, que os conceitos de política e drama são indissociáveis, e ressaltam a atuação dramática dos atores sociais a qual é relevante para se confrontar esses “atores no espaço público”.

E mais: Ferigate busca em Aristóteles a epígrafe que sintetiza a relação que é possível estabelecer entre as personagens de Arendt e o drama aristotélico, evidenciando que: *“Como a imitação (do drama) se aplica aos atos das personagens e estes não podem ser senão bons ou maus, daí resulta que as personagens são representadas ou melhores ou piores ou iguais a todos nós.”*

Lembra Ferigate que Aristóteles já privilegiava o drama como forma de imitação ou *mimesis* da realidade e “Hannah Arendt alerta para o fato de que uma representação teatral só pode adquirir plena existência quando interpretada no teatro”, que é, para ela, “a arte política por excelência”, de forma que a reificação, segundo ela, só se realiza através da imitação de seus atos. É no teatro que o homem estaria sempre em relação com outros homens. Mesmo em um monólogo, o ator terá o público como interlocutor e julgador de seus atos, é onde a política humana se faz presente.

Está dito que o conceito de política está significativamente associado ao conceito de drama; e, a partir do pensamento crítico de Hannah Arendt sobre o mundo da aparência, que é a esfera da ação, ressalta-se a performance dramática dos atores sociais, necessária para o confronto desses atores no espaço público.

Hannah faz um reexame da condição humana nas três dimensões que considera essenciais - o labor, o trabalho e a ação - a partir das experiências, da leitura e dos temores do mundo moderno, diante do conhecimento científico e técnico, que separam o homem do mundo natural e vinculam-no ao mundo dos artefatos humanos, ou seja, um mundo que literalmente se traduz em drama.

Falar de nuances literárias e femininas da produção político-filosófica da obra de Hannah Arendt é mais uma forma comedida de respeitar os liames da ciência versus literatura, dado que, de forma ampla, a história da literatura procura, desde tempos antigos, no contexto social e político da época, as explicações ou relações com a obra literária.

Souza (1987), estudando teoria literária, observa que, desde os gregos, estudava-se literatura e outros aspectos a ela inerentes. Platão, na República, e especialmente Aristóteles, na Poética, dedicaram-se a tais investigações que hoje constituem fonte primária da teoria literária. Comparando-se à moderna teoria literária, percebe-se o significativo processo de formação e, para muitos teóricos, firmou-se no século XX, com a Neo Crítica de um lado e o Formalismo Russo de outro.

Antes da efetivação da teoria literária, já no classicismo, houve uma veneração aos clássicos gregos e romanos, e as poéticas foram não apenas ressuscitadas como revalidadas e rescritas em diversos países e idiomas. Não se tratava de uma revisão da Poética clássica, e sim de uma adaptação para o mundo renascentista em formação. Pouco adiante, quando o humanismo torna-se a ideologia dominante, o indivíduo se fortalece e passa a se valorizar o escritor enquanto artista; suas inovações e invenções são vistas como obras de gênio e a análise literária recorre às biografias desses gênios para explicar seu texto. Era um ponto de vista humanístico que os oitocentos substituirão gradativamente por uma perspectiva científica. E o resgate histórico que o mundo oitocentista permite fazer traz à tona a história literária como primeira investigação científica da literatura.

Assim, Souza compreende que:

Aliado ao biografismo, a história literária procura no contexto social e político da época as explicações ou relações com a obra literária. Mais tarde este mesmo século XIX consolida o racionalismo Iluminista e a literatura aos poucos é vista como ciência. Já se fala em ciência da literatura. Os modelos metodológicos desta ciência seriam – alternadamente ou em combinação – (1) biográfico-psicológico, (2) sociológico, e (3) filológico. O movimento que surgiria, com a Neo Crítica estadunidense e o Formalismo Russo, é de rompimento com esta noção de que a literatura só pode ser analisada sob o prisma de outra ciência. Os novos estudiosos querem uma análise imanentista da literatura, uma análise dos sons e ritmos dos versos, das estruturas narrativas da prosa, enfim, de aspectos estritamente literários. (Souza, 1987, s.p)

## 2. A VIDA DE HANNAH ARENDT - A JUDIA APÁTRIDA

"Sou uma judia alemã levada de sua terra natal pelos nazistas"  
(Hannah Arendt)

O conceituado professor David Watson, diretor da Universidade de Brighton, traça um perfil específico de mulher austera para Arendt. Diz ele:

Intransigente, sempre ansiosa por despertar polêmicas, temerária - para os padrões acadêmicos -, a ponto de não acautelar-se por trás de relativizações, nem de fugir ao categórico, ou mesmo, segundo alguns de seus críticos, de abusar do direito à inconsistência. Orgulhosa, nunca se retratando, mesmo quando obrigada a revisar seus pontos de vista e a suprimir trechos de seus ensaios ou reescrevê-los. Mas sempre se expondo, fazendo questão de ocupar a linha de frente dos debates mais candentes.

E admite, que, embora, dificilmente houvesse “uma intelectual do nosso século com um perfil tão instigante”, Hannah Arendt, em poucas décadas, ainda em vida, passou de figura de ponta do pensamento intelectual progressista ao, quase, esquecimento. Sob esse aspecto, contudo, acreditamos que ela não só se tornou imortal nas ciências políticas e no meio filosófico, como sua obra tem sido estudada em diversos países do mundo, constituindo sua vida e obra, no Brasil, ementas de cursos e disciplinas.

Hannah nasceu em 14 de outubro de 1906, em Hannover, filha de Paul e Martha Arendt, ambos judeus russos de nascimento, de classe média, procurando meios de inserir-se na sociedade patriciana alemã. No ano de 1913, perdeu o pai e o avô paterno, o que gerou sensação de desamparo para ela e a família. Pouco depois, teve de conviver com conflitos da Primeira Guerra Mundial, perto de sua casa. Entre os 18 e os 19 anos, tornou-se amante de um dos maiores intelectuais do meio acadêmico, o filósofo Martin Heidegger. O romance durou alguns meses, e Hannah compreendeu que Heidegger não abandonaria seu casamento. Desse relacionamento, certamente, ficou o grande interesse de Hannah, dentro da faculdade, por várias áreas da Filosofia.

Em setembro de 1929, Hannah casou-se com Günter Stern. Nesse mesmo ano, concluiu sua tese de Mestrado sobre o amor no pensamento de Santo Agostinho, um dos mais respeitados filósofos cristãos e que legou grande influência a sua produção intelectual.

Com a ascensão do Governo Nazista na Alemanha, em 1933, Hannah tornou-se uma ativista política, pesquisando e escrevendo sobre a propaganda anti-semita o que a levou a ser presa pela Gestapo (polícia nazista). Na prisão, ganhou a simpatia de um carcereiro que a libertou. Após a saída da prisão, Hannah foi para Paris, França, onde residiu até o final da década.

Em Paris, trabalhou na Youth Aliyah, ajudando no resgate de crianças judias da Alemanha e levando-as para o que viria a se tornar o Estado de Israel. Após divorciar-se de Günter Stern, casou-se com Heinrich Blücher, de quem foi separada após a invasão alemã na França, em 1940. Hannah foi levada para o campo de refugiados de Gurs, de onde fugiu, depois de reencontrar seu marido, para Nova Iorque, Estados Unidos.

Assistindo ao final da Segunda Guerra dos Estados Unidos, Hannah teve a idéia de escrever um de seus mais importantes livros: **As Origens do Totalitarismo**, no qual mostra o totalitarismo como uma nova forma de governo pautada na organização de massas, no terror e em forte e contundente ideologia. Relaciona, também, nessa obra, o imperialismo, o anti-semitismo e o totalitarismo. Esse livro só seria publicado em 1951.

Daí por diante, Hannah começou a escrever e a obter espaço em jornais e revistas judaicas, nos quais defendeu a existência de um exército judaico e a convivência pacífica entre árabes e judeus num futuro Estado na Palestina.

Seus livros seguintes, como, por exemplo, **A Condição Humana**, podem ser caracterizados mais como tentativa de reconstrução da filosofia política do que como abordagem histórica da política. Dentre as muitas marcas literárias do seu texto, observamos, na introdução de **A Condição Humana**, uma aproximação da autora com o seu leitor: “o que proponho nas páginas que se seguem é uma reconsideração da condição humana à luz de nossas mais novas experiências e de nossos temores mais recentes”.

Arendt jamais apreciou ser chamada de filósofa. Dialogando com um entrevistador na televisão, em 1964, ela declarou:

Não sou uma filósofa. Minha profissão - se pode ser chamada assim - é a teoria política. Eu me despedi irreversivelmente da filosofia. Como você sabe, estudei, sim, filosofia, mas isso não quer dizer que permaneci nela... A razão, por si mesma, a faculdade de pensar que possuo, tem necessidade de atualizar-se. Os filósofos e os metafísicos monopolizaram essa capacidade. E isso trouxe várias conseqüências importantes. Mas também acarretou coisas desagradáveis - já esquecemos que todo o ser humano tem a necessidade de pensar e não de pensar abstratamente, não de responder às questões extremas sobre Deus, imortalidade e liberdade, nada mais do que continuar pensando, enquanto viver.

### 3. AS NUANÇAS LITERÁRIAS

Refletindo a especificidade do texto literário, Carlos Ceia (2007)<sup>1</sup> observa aspectos que permitem que o texto literário se encaixe nos seguintes princípios, os quais fundamentam caracterizar **A condição de humana**, de Hannah Arendt uma obra literária, permitindo, ainda, sugerir que grande parte de sua obra biográfica e política estão também permeadas de literatura. Obviamente, o texto literário distingue-se do texto das ciências da história, da filosofia, da psicologia, da sociologia, embora um campo de ação criativa permita a todos esses campos construir a sua especificidade, dado o uso de determinados termos. Soma-se a isso o fato de o texto literário ser ao mesmo tempo igual a todos os outros (em termos de forma e estrutura) e diferente de todos (pela linguagem): além do que o texto literário não é um registro lingüístico efêmero, por ser preservado na tradição oral e, ou escrita, sendo, também atemporal. Ainda, e principalmente, o texto literário “pode dizer respeito ao efeito catártico que conduz à crença de que a literatura pode purificar e reeducar a sociedade”, característica esta que permeia toda a obra arendtiana. Acresce-se que o texto literário pode ser expressivo e impessoal a tal ponto que as criações ofusquem a individualidade do escritor. E na explosão de questionamentos e reflexões entre os intertextos que emanam

da obra **A condição humana**, é notória a mesclagem de surrealismo e concretismo que levou alguns críticos a discorrerem amplamente sobre a condição de apátrida de Hannah e sua forma de “aceitação” da realidade que viveu e que ultrapassou a linha do tempo, tomando um caráter universalista, característico do texto literário, mas também típico do texto filosófico.

Dialogando com o texto bíblico, Arendt constata que o homem é capaz de realizar o infinitivamente improvável, e isso só é possível porque cada homem é singular; a cada nascimento, vem ao mundo algo de singularmente novo. Aconselha que acreditemos na possibilidade do início de um novo começo, mesmo numa época em que o mal se revela continuamente banal, radical e sempre extremo.

Buscou assumir um compromisso de elucidar a trajetória da ação humana que a conduz, e a todos que com ela societariamente se organizam, o que culminou na elaboração de vasta obra focada em subtemas antagônicos tais como violência/poder; liberdade/totalitarismo; ação humana/alteridade; coisificação, e outros.

Para isto, leu, estudou, pesquisou, analisou, depreendeu e escreveu exaustivamente, no entanto, apesar de seus esforços pessoais, o preconceito contra os judeus não deixou de ser realidade, o que impediu certa intolerância de seus contemporâneos. Assim, seus esforços individuais não se concretizaram socialmente, o que fez com que ela adotasse a razão como oriente mais seguro, o que também não impediu que ela se tornasse mais uma entre as vítimas do processo político que descreveu.

Nesse eixo, talvez se encontre o ingrediente mais precioso deste estudo, que pode ser transcrito como uma inquietante busca de recepção do público pelo seu texto. O cientista não tem essa preocupação. Não há necessidade de travar diálogos. Os fatos são apresentados, descritos, comprovados, e “pronto”!

Carlos Ceia instiga a investigação do que mostra o literário do texto, sugerindo a procura pelos mais diversos recursos, tais como a hermenêutica contemporânea, a estética da recepção, a desconstrução, a semiótica pós-estruturalista, a crítica foucaultiana, derridiana, entre outras, de forma que são várias as formas de se determinar a especificidade do texto literário.

Diante de qualquer natureza de texto literário, um leitor informado percebe a sua construção textual, observando a literariedade associada à combinação intencional entre um signo gráfico e signos lingüísticos com o objetivo de produzir uma relação significativa simbólica.

Todo o texto literário “enquanto cemitério de sentidos mortos-vivos, é uma ameaça constante para o leitor que se julgue perito nesse texto. A filosofia chama à ciência o processo pelo qual o homem se relaciona com a natureza visando à dominação dela em seu próprio benefício<sup>2</sup>”.

Consideramos que a intenção criacionista diz respeito somente à produção do texto, à intenção contingente ao momento de criação literária, sendo correspondente à vontade, de natureza complexa, traduzida na expressão: “Eu, autor, quero fazer um texto literário.” E também que a textualidade literária de um texto começa por se perceber na intenção criacionista ou produtora desse texto. E é a própria Hannah Arendt quem afirma não ser filósofa, embora o seu nome no campo da Filosofia seja recorrentemente citado. Mas soube reconhecer sua capacidade de formadora de opiniões e de estabelecer diálogos e monólogos com seus leitores, tanto nos ensaios quanto nas biografias e demais produções que legou ao mundo.

Estudando as biografias, Rapchan (2007) observa na obra de Arendt a modulação de "uma personalidade tipicamente romântica".<sup>3</sup> Ela afirma:

Por meio de alguns personagens, Arendt destaca maneiras singulares, atreladas a gênero, de assimilar o romantismo, colocando o problema dos papéis sociais e do que chama de "o problema feminino". Isto é, os conflitos entre as representações "gerais" sobre as mulheres e as mulheres "reais", em suas expectativas e possibilidades (RAPCHAN, 2007, s.p.).

Observa ainda que na biografia de Rahel<sup>4</sup> cruzam-se a questão judaica, a condição feminina, o romantismo, o iluminismo e a emergência e a defesa da individualidade no contexto histórico de constituição da modernidade européia e termina por sugerir a sobreposição dos retratos de Hannah e Rahel, o que também coloca mais uma obra da autora nas linhas da literariedade.

A experiência vivenciada levou Arendt a denunciar em sua obra a supressão da liberdade política e as "situações-limites" do homem moderno. Nas entusiastas reflexões que faz, a liberdade constitui tema central e princípio ordenador de uma vida em comum. Já se observou e se comentou a respeito de sua obra que ela tem mais "originalidade da pensadora e indignação da pessoa" que características sistemáticas ou doutrinárias dos sistemas filosóficos.

E, se de outro lado a Ciência Política e o drama se coadunam e este último é parte ou início da literatura, estamos, portanto, diante de mais um grande nome literário, e de mais uma importante mulher na literatura, que não só dialogou, mas viveu e criou discursos eloqüentes entre diversas raças e identidades.

Não há dúvidas de que Arendt escreveu dialogando com vários gêneros literários e mostrou conhecimento adquirido desses diálogos travados com várias áreas do conhecimento, especialmente com os filósofos e com o texto bíblico, elaborando intertextos reflexivos, com grande carga de literariedade e (por que não dizer), ainda que a contrarie, de filosofia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDR, Hannah. **A Condição humana**. [Trad. Roberto Raposo] RJ: Forense-Universitária, 1987.

ARENDR, H. **Rahel Varnhagen**: judia alemã na época do romantismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

ARENDR, Hannah.. **Entre o passado e o futuro**. [Trad, Mauro W. Barbosa] SP: Perspectiva, 1979.

ARISTÓTELES. **Arte poética**. [Trad. Antônio Pinto de Carvalho] RJ: Os Pensadores, 1985.

CEIA, Carlos. Texto literário – texto não literário. Disponível em <http://www.sectec.rj.gov.br/redeescola/especialistas/portugues/tema04/por-tm04.html>. Acessado em agosto de 2007.

FERIGATE, Anderson Azevedo. Uma percepção estético-dramática da política em Hannah Arendt. **Revista Ética & Filosofia Política**. v. 9, n. 1, junho/2006.

RAPCHAN, Eliane Sebeika. Hannah Arendt. Rahel Levin: two biographies, subject and mirror. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 22, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332004000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000100011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 Aug 2007.

SOUZA, Roberto Acízelo. Perspectiva Científica. In: SOUZA, Roberto Acízelo. **Formação da teoria da literatura**. Niterói: Editora Universitária, 1987. p. 56-124.

---

<sup>1</sup> - CEIA, Carlos. Texto literário – texto não literário. Disponível em <http://www.sectec.rj.gov.br/redeescola/especialistas/portugues/tema04/por-tm04.html>. Acessado em agosto de 2007.

<sup>2</sup> - CEIA, Carlos (2007).

<sup>3</sup> - ARENDT, H. **Rahel Varnhagen**: judia alemã na época do romantismo. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.

<sup>4</sup> - ARENDT (1994), op. Cit.